

Texto III

“Todas as ciências provam e comprovam nos dias atuais de hoje que, ao falarmos da espécie humana, não podemos falar de raças, mas somente de uma única raça. O ser humano pertence a uma única espécie e por isso perfaz (*tem como resultado*) um único grupo racial.

Podemos, talvez, no máximo, falar em grupos humanos diferenciados. Se nos reportarmos ao fator melanina, sabemos hoje também que, (...) relacionado aos campos de incidência solar (*onde há maior ação do sol*) e (...) constituiu graduações diferentes de nossa cor de pele, o que fez que, ao longo da história, as pessoas ganhassem uma diferente coloração em suas peles. Muitas pessoas e alguns cientistas e estudiosos concluíram (erroneamente) que isto significava e legitimava a existência de diferentes raças humanas, tendo estas sido classificadas então como raças branca, negra ou preta, vermelha e amarela.

Se quisermos, podemos ainda levar em consideração que o deslocamento leste-oeste, somado aos fatores alimentares e culturais, também influenciou na determinação dos fenótipos (*características de um indivíduo determinada pela herança genética*), que desenvolveram diferentes características e peculiaridades (*sem igual*) humanas (...). No entanto, nenhum desses fatores é suficientemente significativo para criar evidência da existência ou formação de raças ou sub-raças humanas.

Não há uma raça superior, tanto quanto não há raças inferiores.”

Adilton de Paula, 2005.

PAULA. Adilton de. Educar o Brasil com raça: “Das raças ao racismo que ninguém vê”. In: SANTOS, Genivalda; SILVA, Maria Palmira da. *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 88-93.